

SOBRE A METAPSIKOLOGIA: A EPISTEMOLOGIA FREUDIANA

KELLY MOREIRA DE ALBUQUERQUE²²
REBECA DE SOUZA ESCUDEIRO²³

Resumo: Este trabalho tem por objetivo circunscrever epistemologicamente a psicanálise. Trata-se de um estudo teórico que será feito em três momentos. Primeiramente, será feita uma discussão sobre as especificidades que compõem a metapsicologia. Em seguida, serão definidos os registros constitutivos da metapsicologia: tópico, dinâmico e econômico. E, por fim, se discutirá acerca do pertencimento paradoxal da psicanálise à ciência. De modo a concluir, pode-se dizer que a epistemologia singular da psicanálise lhe imprime uma posição ética, ou seja, lhe impõe a exigência da verdade de dizer o real, do que no sujeito espera por um velamento.

Palavras-chave: *Psicanálise. Epistemologia. Metapsicologia. Inconsciente. Racionalidade.*

Este trabalho tem por objetivo circunscrever epistemologicamente a psicanálise. Trata-se, mais especificamente, de mostrar, segundo Assoun (1983), que a psicanálise construiu sua própria plataforma epistemológica: a metapsicologia. A psicanálise é digna de uma discussão epistemológica, ou seja, de uma investigação que demarque suas condições de possibilidade, pois a ela está resguardado o lugar de saber. Freud, ao pensar sua prática clínica, forjou sua própria epistemologia, não precisando, por isso, buscá-la externamente.

Por um processo de desenvolvimento contra o qual teria sido inútil lutar, o próprio termo ‘psicanálise’ tornou-se ambíguo. Embora fosse originalmente o nome de um método terapêutico específico, agora também se tornou a denominação de uma ciência – a ciência dos processos mentais inconscientes. Por si só, essa ciência é poucas vezes capaz de lidar com um problema de maneira completa, mas parece fadada a prestar valiosa ajuda nos mais variados campos do conhecimento. A esfera de aplicação da psicanálise estende-se até a da psicologia, com a qual forma um complemento do maior significado. (FREUD, 1900[1996], p. 72)

Mais que enquadrá-la no campo do saber, Assoun (1983) demonstra que, na *querela dos métodos*, ocorrida em 1883, pela divisão da ciência entre ciências naturais (Naturwissenschaften) e ciências do espírito (Geisteswissenschaften), Freud ignorou-a e edificou sua psicanálise sobre o método das ciências da natureza, pois segundo ele, a metodologia usada por esta é a única forma de fazer ciência. Trata-se

²² Mestre em Psicologia pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC). E-mail: kellynha.psico@hotmail.com

²³ Mestranda em psicologia pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC). E-mail: rebeaescudeiro@gmail.com

ai de seu monismo epistemológico. A distinção fundamental se ancorava nos métodos de investigação que cada ciência empregaria. Enquanto as ciências da natureza ou nomotéticas visariam a explicação dos fenômenos através de leis universais, as ciências do homem ou idiográficas compreenderiam seu objeto a partir de sua idiosincrasia singular, sem submetê-lo a conceitos universais.

Assoun (1983) acrescenta que a genialidade associada à teimosia de Freud em situar-se na esfera das ciências da natureza se deve ao sentido que ele atribui a *interpretação*. Para ele, a atividade de interpretar acontece entrelaçada ao ato de explicar, por estar remetida a uma causa semiótica. Ou seja, Freud “interpreta fornecendo a causa” (p. 49).

Embora Freud seja considerado o homem de seu tempo, haja vista ter sido diretamente influenciado pelas diretrizes científicas da época em que construiu sua psicanálise, ele desenvolveu um método específico de apreensão de seu objeto, que transbordou e ultrapassou os modelos e referentes usados.

Vale ressaltar que, segundo Assoun (1983), o fato de qualificar o edifício epistemológico de Freud em sua própria *démarche*, não significa negligenciar o universo epistêmico no qual este estava inserido quando da época da fundação da psicanálise. Reconhecer e apontar os modelos e referentes que lhe serviram de âncora neste ato, embora se saiba que ele os ultrapassa, confere maior pertinência e propriedade à sua originalidade. Foi o manejo particular que Freud fez da epistemologia de sua época, num movimento contínuo de referenciá-la e refratá-la, que possibilitou a apreensão inédita de seu objeto, e não a simples cópia de um discurso já estabelecido.

Em nenhum lugar encontra-se mais visível a originalidade freudiana do que na linha imaginária onde ela subverte a linguagem de seu tempo, sem cessar de reconhecê-la como sua, como indica a extraordinária fidelidade de Freud ao dizer de seus mestres confessados e inconfessados. (ASSOUN, 1983, p. 15)

Conforme Assoun (1996), a racionalidade inaugurada pela psicanálise contribuiu para a apreensão do inconsciente, objeto até então afastado do campo de investigações científicas, uma vez que a psicologia concentrava seus estudos na consciência. Ora, o psiquismo não pode ser estudado pelo viés da consciência, porque consciência é fugacidade. O inconsciente é seu único e possível meio de estudo. O inconsciente só tem efeito, em sua concepção psicanalítica, se for pensado enquanto objeto metapsicológico. E é justamente essa concepção do inconsciente freudiano, dotado de propriedades econômico-dinâmicas, que dá ao freudismo sua racionalidade específica.

A concepção radical do inconsciente como objeto metapsicológico provoca sua saída da visão psicológica e filosófica tradicionais, que o tomavam apenas do ponto de vista descritivo. Segundo Assoun (1983), a construção do edifício metapsicológico tem por objetivo superar a contradição entre a inteligibilidade do objeto, exigência metodológica das ciências naturais, na qual Freud enquadrava sua psicanálise, e a transobjetividade própria a este objeto — o inconsciente — que, para ser apreendido,

exige um método de conhecimento específico. A maneira pela qual o inconsciente se manifesta nos fenômenos não obedece à objetividade da consciência, não podendo, por isso, ser apreendida pelos métodos empregados nas psicologias que o tomam como objeto.

Segundo Assoun (1996), a racionalidade metapsicológica situa-se entre o momento metafísico interior ao saber psicológico e o momento científico antimetafísico. A homologia entre metapsicologia e metafísica não é acidental. Ao mesmo tempo em que a psicanálise rompe com a visão filosófica do inconsciente, enfrenta o problema colocado à episteme por este objeto que se furta à fenomenalidade, o que faz Freud aproximá-lo a coisa em si enunciada por Kant. Entretanto, o método de investigação freudiano do inconsciente permite ir adiante, ao ponto em que o metafísico parou. Tal se refere ao papel legítimo do *phantasieren*, é a convocação da feiticeira metapsicológica feita por Freud, visando ao avanço da descrição do objeto metapsicológico.

Freud se recusa a aproximar a psicanálise de uma racionalidade hermenêutica. Ele busca antes o ideal explicativo, demarcando a lógica autônoma do inconsciente, ou seja, a explicação do sentido — causa ideológica. O que marca as formações ditas inconscientes é a busca pela materialidade formal deste sentido. Daí a insistência de Freud no trabalho inconsciente que regula estas formas, ou seja, no regime do qual o pensamento latente é convertido em pensamento manifesto, nos sonhos, sintoma, atos falhos, etc.

No que concerne às relações entre metapsicologia e clínica, pode-se dizer que algo só passa a ser pensado enquanto uma problemática metapsicológica quando aparece primeiramente enquanto questionamento clínico. A metapsicologia é uma pós-escrita de algo que se anunciou na escuta clínica neurótica. Ela não é de início, pensada, mas escutada.

Os modelos conceituais elaborados pela metapsicologia mantêm relação ligeiramente direta com a realidade, uma vez serem provenientes da prática clínica freudiana. Sabe-se que os achados clínicos se constituem como a base da produção metapsicológica, com vistas à resolução de impasses na terapêutica das neuroses. Para Freud, é o objetivo de livrar seus pacientes do sofrimento causado pelos sintomas neuróticos que possibilita a produção do conhecimento acerca do funcionamento psíquico, assim como da etiologia de seu adoecimento e dos modos de tratamento.

A metapsicologia é formada por três aspectos: o tópico, o dinâmico e o econômico. Freud define especificamente metapsicologia como a definição do psiquismo sob estas três dimensões. Todas as hipóteses e modelos do construto metapsicológico freudiano são inerentes a estes registros.

Creio que vale a pena dotar de um nome específico essa tripla forma de compreensão dos fenômenos, pois ela é a consolidação mais plena daquilo que procuramos na pesquisa psicanalítica. Sugiro chamar toda descrição do processo psíquico que envolva as relações *dinâmicas, tópicas e econômicas* de descrição metapsicológica. (FREUD, 2006[1915], p. 32)

Conforme Delrieu (1997), o fato de a metapsicologia considerar os fenômenos psicológicos segundo estes três pontos de vista, possibilita-lhe formular modelos do aparelho psíquico levando em conta as forças que nele circulam. Em 8 de novembro de 1911 Freud declara:

A psicanálise tem um gênero particular de pensamento psicológico que podemos qualificar de metapsicológico. Este seria uma consideração do psíquico como alguma coisa objetiva, depois de nos libertarmos das restrições impostas pelas formas de percepção consciente. (...) Neste modo metapsicológico de considerar os fenômenos, existe um sistema que funciona sem o elemento do tempo. (...): isso que nós estudamos são os processos que não se produzem no interior dos sistemas psíquicos, mas entre eles. (FREUD, 1911, apud Delrieu, 1997, p. 636).

O ponto de vista tópico permite conhecer o funcionamento psíquico supondo-lhe lugares metafóricos. Laplanche e Pontalis (2001) caracterizam-no pela diferenciação do aparelho psíquico em instâncias ou sistemas dotados de especificidades particulares que se mantêm relacionadas numa determinada ordem. Tal fato nos permite pensar na imagem metafórica de lugares psíquicos. Freud, ao longo de sua teoria, construiu duas tópicas do aparelho psíquico que, ao invés de se contradizerem, se complementam. A primeira, criada em 1900, é formada pelos sistemas *inconsciente*, *pré-consciente* e *consciente*, cada um com conteúdos representacionais dotados de funcionalidade e circulação de energia específicas. Já a segunda tópica, elaborada em 1920, constitui-se pelo *isso*, *pólo pulsional*, *supereu*, herdeiro das interdições parentais, e *eu*, mediador dos interesses do mundo externo e interno.

A noção de lugares psíquicos não deve ser compreendida como localização anatômica funcional precisa, mas pela identificação de lugares psíquicos distintos, detentores de uma natureza e um modo de funcionamento específicos. A diferenciação psíquica tem um significado funcional. Tanto a concepção do inconsciente, como a ideia da formação dos sonhos, tributárias de leis de funcionamento próprio, contrárias à consciência, tornam pertinentes a separação do psiquismo em lugares.

A divisão do aparelho psíquico em sistemas com leis próprias implica supor a existência de um conflito que confere ao psiquismo seu caráter dinâmico. Tal dimensão concebe os processos psíquicos como resultantes de conflito sistêmico, uma vez serem estes compostos por forças de origem pulsional antagônica que exercem pressão constante.

O ponto de vista dinâmico implica na compreensão do anímico pelo viés do movimento, da antinomia. O conflito entre forças, característico do aspecto dinâmico, é comprovado pela definição freudiana do inconsciente. Ora, o inconsciente é constituído pelo processo do recalçamento, no qual determinadas representações, incompatíveis com outras, são barradas pela consciência. O fenômeno da resistência, efeito do recalçamento, que se passa durante o tratamento analítico, é um exemplo disso. As formações de compromisso, constituídas pelo acordo entre instâncias, revelam também este dinamismo.

O ponto de vista econômico considera os processos psíquicos pelo viés da circulação e distribuição da energia de origem pulsional em termos de mobilidade, nas oposições de investimento e nas variações de intensidade. Freud (2006[1915], p. 32) entende a perspectiva econômica como o “que visa acompanhar o destino das quantidades de excitação e busca, ao menos aproximadamente, estimar as magnitudes dessas quantidades”. E acrescenta: “ao abordarmos os processos psíquicos levando em conta seu desencadeamento, bem como os acúmulos e diminuição de tensão, estamos introduzindo em nosso trabalho um ponto de vista econômico” (Freud, 2006[1920], p.135).

Freud acreditava na íntima relação entre o aspecto econômico e os aspectos tópico e dinâmico. A interdependência entre o aspecto tópico e econômico se manifesta quando Freud distingue os sistemas psíquicos de acordo com o modo de investimento energético presente. Assim, evidencia-se o livre escoamento de energia no interior do sistema inconsciente, enquanto que no pólo pré-consciente/consciente, a energia circula de forma ligada. Da mesma maneira, é nítida a relação entre os aspectos dinâmico e econômico quando Freud descreve o caráter dinâmico do psiquismo como tributário das forças pulsionais opostas que nele habitam.

A elaboração metapsicológica de Freud é inteiramente permeada pelo seu entendimento acerca da produção do conhecimento no campo da cientificidade e de seu progresso. Freud (1915[2004]) assevera que a ciência, em seu período de edificação, não tem como balizas conceitos necessariamente delimitados e inabaláveis. No início do processo são feitas descrições do fenômeno observado utilizando-se ideias, de reduzido grau de clareza, provenientes de outras esferas para além da realidade dada. Não obstante, tais ideias não são escolhidas aleatoriamente, mas pelas relações estabelecidas com o fenômeno analisado. E ainda, o uso preliminar destas convenções imprecisas subordina diretamente o entendimento do dado empírico, e não o oposto. É somente a submissão repetida e coerente dessas ideias ao material estudado e seu consequente estudo exaustivo que lhe garantirá significância consistente e subsequente elevação de seu *status*, que passa de simples convenções a conceitos elementares da ciência. Acrescenta, entretanto, que tais definições não devem ser tratadas como dogmas rígidos, devendo sempre ser submetidas a uma revisão constante e, se necessário, modificadas. Afinal:

a ciência se dará por satisfeita com ideias básicas, nebulosas e ainda difíceis de visualizar, sempre, porém, com a esperança de mais adiante, no decorrer de seu desenvolvimento, vir a apreender tais ideias com mais clareza, mostrando-se ainda disposta a eventualmente trocá-las por outras. Afinal, o fundamento da ciência não são essas ideias, mas sim a observação pura sobre a qual tudo repousa. Elas não são a base, mas o topo do edifício, e podem, sem prejuízo, ser substituídas e removidas. (FREUD, 1914[2004], p. 100)

Compreende-se, assim, que a metapsicologia, formalizada metodologicamente por esta visão científica, constitui-se como um saber aberto, num constante devir, no qual seus conceitos, conforme

Garcia-Roza (1995), são interrogações que têm a função de produzir furos em saberes já existentes, não consistindo numa formalização da realidade. Na verdade, apresentam-se como vazios do saber.

Assoun (1983) nomeia o pertencimento da psicanálise nos dispositivos do saber como *intervalo imaginário* e diz ser esta característica a mantenedora da autonomia epistemológica de Freud. Ele conclui sua análise epistemológica cômico de que o saber psicanalítico, compreendido pelos três aspectos que compõem sua metapsicologia, opera no lugar do inacabamento. Suas construções teóricas nunca são concluídas. A letra de Freud aponta isso, na medida em que está sempre atravessada pelo termo “provisório”. A leitura adverte para que sua teoria não se transforme em dogma, mas que atravesse incessantemente o crivo da revisitação. O limite e fechamento das conclusões metapsicológicas da tópica, dinâmica e econômica corresponderiam, do ponto de vista do saber, a seu fim e morte. Tanto é assim que Freud define a psicanálise como não sendo:

fruto da especulação, mas sim o resultado da experiência; e, por essa razão, como todo novo produto da ciência, acha-se incompleta. É viável a todos convencerem-se por suas próprias investigações da correção das teses nelas corporificadas e auxiliar no desenvolvimento ulterior do estudo. (FREUD, 1913[1996], p. 225).

Se a metapsicologia fosse compreendida como saber imutável, estaríamos no campo de uma visão de mundo, posição sempre repudiada por Freud à sua psicanálise. É errado definir a psicanálise como uma visão de mundo pautada no sexualismo, ou seja, um pansexualismo. Freud, em vez de tomar a sexualidade como fato, tornou-a um problema. A sexualidade é problematizada, assim, enquanto falta destotalizante que comporta a psique com sua inconsistência. Ela propicia à metapsicologia a revelação e o reconhecimento daquilo que se furta ao conhecimento.

O inconsciente não é o acesso ao que está sempre ali e é sempre faltoso. Tal característica lhe garante outra especificidade epistêmica, que é o interesse do sujeito por ele mesmo. Enquanto a ciência tradicional propõe uma separação entre sujeito e objeto, visando a fidedignidade do conhecimento, Freud demonstra que o traço próprio a seu objeto, a falta, está na própria constituição do sujeito. O inconsciente nos confronta com esta misteriosa realidade, e a teoria deve se deixar submeter a esta lei, própria de seu objeto. Isso constitui uma posição de racionalidade.

Quando Freud insiste nas resistências à psicanálise, significa que ela traz uma mensagem, algo que desorganiza a estrutura humana, colocando-a em contradição consigo mesma. O princípio de falta que ela introduz sem cessar justifica sua impossibilidade de ser popular.

O destinatário da verdade analítica, a de um não sabido, da qual a sexualidade é sua face, daí falar-se numa sexualidade infantil, só pode ser o sujeito do inconsciente, um a um, por sua conta.

Embora o sujeito não seja uma categoria de metapsicologia, é ele quem organiza a experiência do inconsciente, o sujeito da cena primitiva, do encontro sempre faltoso com o Outro. O processo de cisão do sujeito, operacionalizado pela representação da castração, obriga a pensar numa verdade inédita, contrária à racionalidade filosófica, que torna impossível qualquer síntese do eu. O sujeito se estrutura numa hiância estrutural do saber. “O próprio sujeito se apresenta como uma verdadeira pequena teoria do conhecimento encarnada, já que, no trabalho do inconsciente, é esta cisão que ele reproduz como sua ‘história’, a de sua divisão”. (ASSOUN, 1996, p. 34).

O sintoma nasce justamente, não de um mal entendido, mas pelo entendimento da clivagem lógica necessária à constituição do sujeito. O neurótico, antes de ser um doente, é portador de uma exigência simbólica estruturante do próprio saber clínico.

A visão do sujeito inconsciente e o impasse que lhe atravessa constituem o mal-estar cultural. A psicanálise não se aplica, assim como a psicologia, a um campo exterior sociocultural, mas descobre que a própria cultura funciona no ideal da pulsão de morte. O sujeito funciona na lógica da cultura, sendo, por isso, o sujeito o próprio fenômeno.

De modo a concluir, pode-se dizer que a epistemologia singular da psicanálise lhe imprime uma posição ética, ou seja, lhe impõe a exigência da verdade de dizer o real, daquilo que no sujeito espera por um velamento. É a recusa de um consolo a que a psicanálise não pode furtar-se, porque justamente lida com uma cisão radical entre o saber e a verdade. A clínica mostra o sujeito exposto ao interdito. A metapsicologia é, justamente, a construção do saber dessa relação do sujeito com o interdito.

SUR LA MÉTAPSYCHOLOGIE: L'ÉPISTÉMOLOGIE FREUDIENNE

Resumé: Ce travail vise à circonscrire la psychanalyse épistémologiquement. Ceci est une étude théorique se fera en trois étapes. Premier, il y aura une discussion sur les détails qui font la métapsychologie. Ensuite, établirons les documents constituant la métapsychologie: le sujet, dynamique et économique. Et, pour finir, sera discuté à propos de l'appartenance paradoxal de la science de la psychanalyse. Afin de compléter, peut dire que l'épistémologie singulière de la psychanalyse lui donne une position éthique, en d'autres termes, impose l'exigence de la vérité de dire, que le gars en attente d'une opacification.

Mots-clés: *La psychanalyse. De l'épistémologie. La métapsychologie. la rationalité. l'inconscient.*

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- DELRIEU, Alain. *Sigmund Freud Index Thématique*. Paris: Anthropos, 1997.
- FREUD, Sigmund. “A Interpretação dos Sonhos”. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas* de Sigmund Freud, volumes IV e V. Rio de Janeiro: Imago, s/d.
- _____. “O interesse científico da psicanálise”. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1913].
- _____. “À guisa de introdução ao narcisismo”. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Volume 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004[1914].
- _____. “Pulsões e Destinos da Pulsão”. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Volume 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004[1915].
- _____. “O inconsciente”. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Volume 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006[1915].
- _____. “Além do princípio do prazer”. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Volume 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006[1920].
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução a Metapsicologia Freudiana: Artigos de Metapsicologia*. Volume 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.
- LAPLANCHE, Jean. PONTALIS, Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Editora, 2001.

Recebido em 10/09/2012. Aprovado em 22/10/2012.

RITA DE CÁSSIA PONTE PRADO²⁴

Resumo: Os conhecimentos científicos não são verdades absolutas, eles são construções teóricas, que mudam com o tempo. Deslocar estes conhecimentos do lugar de verdade, é útil para se fazer uma leitura crítica dos manuais classificatórios, que através das categorias diagnósticas compõem o quadro da psicopatologia. Tais categorias, geralmente, são tomadas como entidades verdadeiras, equivalentes a doenças orgânicas. Em decorrência desta concepção, muitas pessoas abandonam as variáveis ambientais causais de seus comportamentos. Numa perspectiva analítico-comportamental, todo comportamento seja ele “normal” ou “patológico”, é produto das relações funcionais estabelecidas entre o sujeito e ambiente, logo a desconsideração de tais variáveis é algo problemático.

Palavras-Chave: *Análise do Comportamento. Psicopatologia. Manuais Classificatórios.*

DESLOCAMENTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO DO LUGAR DA VERDADE

Todas as ciências, segundo (BAUM, 2006, p.19), tiveram suas origens na filosofia e depois se separaram da mesma. A filosofia parte de suposições para conclusões, tais suposições se remetem a abstrações sobrenaturais; Deus, harmonia, etc, para ela a verdade é considerada como algo absoluto. A ciência, por sua vez, segue em direção contrária a filosofia, nas palavras de (BAUM, 2006, p. 18), “A verdade científica é sempre relativa e provisória; relativa à observação e suscetível de não ser confirmada por novas observações”.

As investigações científicas não focam na procura de descobertas verdadeiras sobre a forma como o universo funciona, mas sim no que esta forma nos permite fazer. O conhecimento científico torna as experiências compreensíveis, de forma tal que a ciência não produz verdades, mas sim formas explicativas para fatos da realidade. (BAUM, 2006, p 41)

²⁴ Psicóloga com formação em análise do comportamento pela *Universidade de Fortaleza* (UNIFOR). Mestre em Psicologia Experimental: Análise do comportamento pela *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* (PUC-SP). Professora da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF) e Psicoterapeuta. E-mail: ritadcpp@gmail.com